



Crime organizado e violência urbana na América Latina: entrevista com Eduardo Moncada

Felipe Ramos Garcia 

Doutorando em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Bolsista FAPESP

Email: frgarcia@usp.br

Apoena Mano 

Doutorando em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Bolsista de Doutorado FAPESP

Email: apoenamano@usp.br

Eduardo Moncada 

Doutor em Ciência Política, Professor do Departamento de Ciência Política do Barnard College, Universidade de Columbia.

Resumo

A América Latina enfrenta muitos desafios com relação à violência urbana, que pode ser considerada um fio condutor de processos históricos, políticos e sociais da região. Contemporaneamente, um cenário de profunda desigualdade social e econômica viabilizou o crescimento e consolidação de grupos criminosos organizados, que exploram vários mercados ilegais, sobretudo o de drogas. Dominando a produção e a distribuição dessas substâncias, muitos desses grupos instrumentalizam a violência para disputar mercados com grupos rivais e o poder público, gerando medo e insegurança na população local. É nesse contexto que o trabalho de Eduardo Moncada se insere. Utilizando ferramentas qualitativas e métodos etnográficos e comparativos, o autor busca entender de que maneira as pessoas comuns reagem à violência experienciada no cotidiano. Nessa entrevista, percorremos as principais obras e contribuições do autor, oferecendo reflexões para pensarmos analiticamente como lidamos com a violência urbana e como ela se reproduz cotidianamente.

Palavras-chave: América Latina; violência urbana; crime organizado; políticas comparativas; estudos urbanos



Introdução

Como podemos compreender os fatores políticos que moldam as dinâmicas e consequências da violência urbana, da democracia local e do desenvolvimento? Esta é uma das principais questões que guiam o trabalho de Eduardo Moncada. Desde 2015, ele ocupa o cargo de Professor Assistente no Departamento de Ciência Política de Barnard College, na Columbia University. Anteriormente, acumulou experiências profissionais em outras instituições de prestígio, como Princeton, Rutgers, Yale e New York University. Sua agenda de pesquisa segue uma ampla orientação direcionada ao crime, políticas urbanas e análises comparativas subnacionais. Ao longo de sua carreira, Moncada conduziu a maior parte de sua pesquisa na América Latina. Atualmente, está cada vez mais interessado em construir novas conexões teóricas, conceituais e empíricas com dinâmicas políticas semelhantes ocorridas em outras regiões do mundo.

O foco desta entrevista é apresentar as principais obras e argumentos de Eduardo Moncada, considerando a importância de suas contribuições para campos interdisciplinares de relevância internacional. Esta publicação busca apresentar seu trabalho a públicos brasileiros que possam considerar a produção de Moncada interessante e relevante. Para além dos inúmeros artigos publicados em prestigiadas revistas internacionais (MONCADA, 2009, 2013, 2016a, 2017), a importância acadêmica do autor é refletida no conteúdo de seus livros.

Em seu primeiro livro, "*Cities, Business and the Politics of Urban Violence in Latin America*" (MONCADA, 2016b)", ele explora as formas como três cidades colombianas - Bogotá, Medellín e Cali - respondem às dinâmicas da violência urbana. Para isso, Moncada analisa como as relações entre prefeitos das cidades, interesses comerciais e organizações criminosas moldam a forma como grandes cidades em desenvolvimento respondem ao desafio da violência urbana. Posteriormente, Eduardo coeditou, juntamente com Agustina Giraudy e Richard Snyder, o livro "*Inside Countries: Subnational Research in Comparative Politics*" (GIRAUDY; MONCADA; SNYDER, 2019). Avançando na compreensão de que a política comparada não apenas se refere às pesquisas entre diferentes países, esta contribuição apresenta como a pesquisa subnacional fornece *insights* úteis sobre temas substantivos na Ciência Política, desde regimes e representação, até estados e segurança, e desenvolvimento social e econômico. Recentemente, Eduardo publicou o livro "*Resisting Extortion: Victims, Criminals, and States in Latin America*" (MONCADA, 2022). Neste trabalho, ele aborda a seguinte questão analítica: "Por que as vítimas resistem de maneiras contrastantes a formas semelhantes de vitimização criminal?" Para isso, ele aborda analiticamente a extorsão criminal na América Latina - um fenômeno generalizado, mas pouco estudado - para introduzir a resistência à vitimização criminal na pesquisa emergente sobre a política do crime.

Gostaríamos de começar discutindo as interseções entre Ciência Política e América Latina. Você poderia explorar suas percepções gerais sobre os desenvolvimentos e tendências mais recentes neste campo de estudo?

Agradeço a oportunidade de discutir isso com vocês. Ao pensar nesta questão, acredito que há dois aspectos importantes que eu mencionaria. Um é que, na minha perspectiva, tanto por minha formação em ciência política nos Estados Unidos, quanto também por ser da América Latina e estudar política latino-americana, sempre me foi interessante que na maior parte da América Latina, a ciência

política tende a ser situada dentro dos estudos jurídicos e dos estudos para se tornar um advogado ou ingressar no sistema judiciário. Mas isso mudou, e agora vemos valiosas pesquisas em ciência política sendo conduzidas no Brasil, Colômbia, Chile, México e outras partes da América Latina. Acredito que a ciência política norte-americana precisa se envolver mais seriamente com o trabalho produzido nessa região. Por um tempo, penso que houve essa percepção da academia nos Estados Unidos, que meio que via a Ciência Política como algo desenvolvido aqui para estudar a América Latina e outras partes do mundo. Acho que isso está mudando e isso é algo bom.

Há muitos novos desenvolvimentos na Ciência Política, especialmente na Política Comparada, que é minha sub-área. Há um esforço entre os comparativistas que estudam a América Latina em se envolverem com acadêmicos latino-americanos que são cientistas políticos e que estudaram no exterior ou em partes da América Latina, e que estão avançando com suas próprias teorias, métodos e análises. O esforço é promover mais conversas entre nós como colegas, ao invés de a academia do Norte ditar o que precisa acontecer e como as coisas devem ser estudadas.

Entendo que você pode ver isso de maneiras diferentes. Por exemplo, algumas redes estão sendo formadas entre acadêmicos e cientistas políticos nos Estados Unidos e na América Latina. Eu participo de uma que faz muitos trabalhos interessantes, que é a *Red para el Estudio de la Economía Política de América Latina (REPAL)*¹, onde estudantes e acadêmicos interessados em política e na América Latina podem se reunir com estudantes e acadêmicos de política latino-americana baseados nos Estados Unidos e na Europa para se envolverem com o trabalho uns dos outros como iguais. Acredito que esse seja um desenvolvimento positivo na forma como a Ciência Política, conforme definida nos Estados Unidos, está se envolvendo com o estudo regional da política latino-americana e dos estudos latino-americanos.

**Como você se interessou em trabalhar com temas como crime, violência e política na América Latina?
Como seu trabalho se enquadra e contribui para este campo?**

Provavelmente, a principal razão pela qual acabei estudando crime e violência na América Latina está relacionada com a minha própria criação. Meus pais são do Equador e da Colômbia, e migraram para os Estados Unidos na década de 1970. Parte do motivo pelo qual eles migraram, para além das pressões econômicas que enfrentavam, foi fugir da violência. Especialmente minha mãe, da Colômbia, que fugia das dinâmicas de crime e violência - tanto da violência política tradicional associada à guerra civil, quanto da crescente violência criminal nas cidades onde ela morava, depois de ter crescido no campo. Lembro que quando eu era criança nos Estados Unidos, e antes de podermos viajar de volta para a América Latina, todas as conversas por telefone dos meus pais com meus parentes na América Latina incluíam discussões sobre crime e violência. Esses eram sempre temas sobre os quais eles conversavam, e sobre como as coisas estavam perigosas e inseguras, e ainda se tornando mais perigosas e inseguras. Acho que, subconscientemente, isso pode ter colocado algo em minha mente e me levado a ter interesse por entender esse "lugar" através da lente do crime e da violência. Eu queria compreender por que o crime, a violência e a insegurança são questões tão importantes na política latino-americana.

Meu trabalho dentro da Ciência Política nos Estados Unidos é um tanto único, porque a disciplina só chegou às questões do crime muito tarde, se comparada a outras disciplinas como Criminologia, Sociologia, Antropologia ou Estudos Urbanos. Todas essas áreas têm estudado crime, violência urbana e outras dinâmicas há algum tempo. Foi apenas recentemente que a ciência política

¹ Cf. <https://redeconomiapoliticaamlat.com/>

tradicional nos Estados Unidos começou a olhar para o crime como uma questão essencialmente política e também com consequências políticas. Eu tento explorar como as preocupações tradicionais da ciência política em torno da redistribuição ou política eleitoral se intersectam com crime e violência na região. Eu venho tentando fazer isso ao longo da maior parte do meu trabalho. Meu trabalho está em uma interseção entre a ciência política tradicional e esse tópico mais recente de crime e violência.

Não quero dizer que estou velho, mas acredito que fui parte do que se tornou uma primeira onda de pessoas que começaram a fazer isso. Outros acadêmicos muito reconhecidos e que fizeram grandes contribuições para este campo de pesquisa são Enrique Desmond Arias², Angélica Durán-Martínez³ e outros. É empolgante, porque agora você vai a conferências de ciência política nos Estados Unidos e há muitos painéis sobre crime e violência na América Latina. Isso não acontecia quando eu era estudante de doutorado. Você tinha um ou dois desses, e não uma dúzia ou uma seção inteira da conferência dedicada a isso. Acredito que o campo está mudando muito nesse aspecto.

Como você decidiu explorar especificamente as cidades colombianas de Bogotá, Medellín e Cali em seu primeiro livro? Você poderia descrever o desenvolvimento do seu inovador enquadramento analítico focado na interação entre as economias políticas urbanas e os padrões de controle paramilitar? Como isso se relaciona com o que você mencionou como "conciliação de abordagens em níveis macro e micro"?

Meu primeiro livro, "Cities, Business and Politics of Urban Violence in Latin America", foi baseado na minha tese de doutorado. E isso se relaciona com a pergunta anterior, sobre o crime e a violência serem questões muito novas na Ciência Política dos Estados Unidos naquela época. Minha ideia de focar nisso foi tanto empolgante, quanto um pouco inquietante, porque era um tópico que as pessoas ainda não tinham começado a pensar e lidar na Ciência Política. Eu queria fazer isso por algumas das razões pessoais que já mencionei.

Acabei me dedicando e focando na Colômbia por dois motivos. Por um lado, há a conexão pessoal. O que é algo que, pelo menos na Ciência Política norte-americana, você não costuma mencionar - o aspecto pessoal como parte da justificativa do que você estuda. Mas eu acho que é importante reconhecer isso. A Colômbia é parte da minha herança. Tenho familiares nessas cidades. Então eu queria entender esses lugares. E isso foi parte da razão. Mais analiticamente, o que achei interessante no caso colombiano foi que, particularmente naquela época, todo mundo falava da Colômbia como um Estado quase falido. Um lugar prestes a cair no abismo e se tornar um Estado falido - com guerra civil, violência relacionada ao narcotráfico e corrupção. Mas quando você focava e olhava para as cidades dentro do país, você via cenários muito diferentes.

Com certeza, você notava as cidades de Medellín e Cali com longas histórias de violência, crime e grupos criminosos armados. Então você via Bogotá, que também tinha seus problemas com o crime e a violência, mas também tinha realizado algumas políticas inovadoras focadas em como lidar essas questões. Depois, você tinha alguns lugares como Medellín, por exemplo, depois se tornando um modelo de governança urbana reproduzido em alguns outros lugares. A ideia de que uma das cidades mais violentas do mundo durante os anos 1990 poderia ser um modelo de governança urbana apenas alguns anos depois era muito intrigante e enigmático para mim. Foi por isso que eu quis me aprofundar nisso, e parecia que uma maneira de desvendar e tentar explicar esses casos, ou ao menos entender

² Cf. (ARIAS, 2009).

³ Cf. (DURÁN-MARTÍNEZ, 2017).

melhor, era comparar as experiências entre essas cidades. Eu estava focado nas experiências muito diferentes que essas cidades tiveram ao tentar lidar com o crime e a violência. Essa proposta me levou à ideia de pensar sobre as economias políticas urbanas e os padrões de controle territorial armado.

Em meu livro, o foco nas economias políticas urbanas é essencialmente sobre a relação entre as empresas dentro de uma cidade e entre elas e os governos locais. Isso foi algo que eu estava incorporando da literatura em Estudos Urbanos que se concentrava principalmente nos Estados Unidos e na Europa. Existe uma vasta literatura sobre economias políticas urbanas nos Estados Unidos, Inglaterra, França e outros países da Europa Ocidental. Mas não temos falado muito sobre isso no caso da América Latina. Meu esforço aqui foi tentar pensar: se o setor privado é esse grande e poderoso ator que pode influenciar as políticas públicas, como esta literatura nos diz, e essas são cidades onde o crime e a violência são questões tão importantes e politicamente relevantes, então a hipótese é que deveríamos ver as empresas intervindo na política de segurança nesses lugares. E eu descobri que elas estavam intervindo de maneiras muito diferentes. Mas todas estavam preocupadas com essa questão, impactadas por ela e usando a alavancagem política que tinham para tentar influenciar os tipos de políticas que obtinham.

O que se tornou mais interessante para mim é que a hipótese tradicional, ou convencional, seria que as empresas desejariam o Estado de Direito (rule of law). Elas desejariam a ordem por meio do Estado de Direito. Mas em lugares como Medellín, que se tornou um desses modelos de governança urbana, elas não estavam defendendo o Estado de Direito. Elas estavam defendendo uma espécie de coexistência com grupos criminosos envolvidos no tráfico de drogas, extorsão e outras formas de criminalidade. Elas estavam "ok" com um arranjo onde havia um, ou um punhado de grupos criminosos poderosos, que poderiam manter a ordem na cidade, porque isso permitia que as empresas prosperassem, lucrassem e operassem. Isso era o contrário de situações como víamos em Cali, onde você tinha uma multiplicidade de atores criminosos e ninguém estava realmente no comando, o que tornava muito mais difícil permitir implicitamente ou silenciosamente que isso existisse, porque as atividades comerciais ainda eram prejudicadas. Essa interseção foi interessante para pensar em termos de poder empresarial, poder criminoso e como esses dois interagem entre si nesses lugares.

Parte disso é sobre essa questão de reconciliar os níveis macro e micro de análise. Uma análise em nível macro pensaria: vou me concentrar no nível nacional e falar sobre a Colômbia como um Estado falido. Mas assim que você se aprofunda no nível subnacional, encontra muito mais variações. Pensar sobre essas dinâmicas que classificariam um país como um Estado falido é importante, mas precisamos situá-las dentro do território, dentro do país, sabendo que pode haver variações. E no nível micro, eu estava tentando pensar: ok, há muita literatura que estava apenas começando a surgir que examinava em nível micro as dinâmicas do crime em bairros específicos. Por exemplo, nas favelas do Rio de Janeiro - o trabalho de Enrique Desmond Arias foi fundamental durante esse período. Meu esforço aqui foi pensar "Como eu conecto esses dois?". Como eu penso nas dinâmicas em nível muito micro, quase em um nível granular dentro da cidade, e então conecto isso a essas dinâmicas políticas e criminais mais amplas em nível macro, e as dinâmicas de violência que estão acontecendo e que caracterizam o país em um nível agregado como um todo? Esse foi o foco. Não sei se fui bem-sucedido, mas esse foi o esforço para tentar unir esses dois e fazer essa discussão avançar.

Você é um dos organizadores do livro "Inside Countries", que apresenta capítulos empíricos a partir do Sul Global contemporâneo - incluindo Índia, México, China e Rússia. A introdução do livro menciona que "a pesquisa subnacional contribui para inovações metodológicas ao fornecer renovadas

oportunidades para empregar ferramentas de vanguarda da investigação social, incluindo métodos mistos que combinam análise quantitativa e qualitativa, incentivando novas técnicas para análise e experimentos espaciais" (página 6). O que é uma Pesquisa Subnacional? Você poderia explicar mais sobre essa proposta?

Na Sociologia, a ideia de uma pesquisa subnacional não é incomum - pensar em níveis de análise e unidades de análise abaixo do nível nacional, abaixo do nível agregado. Isso tem uma história longa e rica na Sociologia e Antropologia. Mas na Política Comparada, pelo menos até recentemente, era muito novo focar em unidades de análise como uma cidade, um bairro ou uma região dentro de um país. Ao invés disso, estávamos muito ancorados na comparação entre nações. Em parte, acredito que isso foi resultado de como pensávamos sobre a política como algo concentrado e controlado no nível nacional, e também sobre os dados que coletávamos. Historicamente, muitos de nossos esforços de coleta de dados em política comparada se concentravam no nível nacional, nesse nível agregado. Não tínhamos muitos dados para poder pensar em comparações em nível micro, como bairros dentro de uma cidade ou comparações entre cidades.

O projeto "Inside Countries" foi um esforço com meus colegas, Agustina Giraudy e Richard Snyder, que já estavam fazendo muito trabalho - até antes de eu chegar - conduzindo esse tipo de pesquisa. Eles estavam tentando pensar em como conceituar e teorizar algumas das questões centrais com as quais nos preocupamos na política comparada, mas que historicamente tínhamos pensado no nível nacional. Isso significa, como pensamos sobre regimes políticos, não apenas no nível nacional, mas no subnacional, como em uma cidade, um distrito, um departamento ou uma província? Como pensamos sobre padrões de desenvolvimento? Não apenas no nível nacional, mas dentro dos países, entre territórios?

O que acontece quando você "desce" do nível nacional? Isso produz a vantagem de gerar muitos casos diferentes para estudar. Você pode realizar comparações entre diversos casos diferentes dentro de um país, mantendo as variáveis nacionais constantes. Por outro lado, também é possível comparar casos subnacionais entre países que apresentam semelhanças significativas entre si. Em algumas situações, pode ser difícil encontrar equivalentes dentro de um único país para tais comparações. Talvez cidades muito violentas em diferentes fronteiras nacionais sejam mais comparáveis do que tentar comparar uma cidade violenta com outra cidade no mesmo país. E isso abre portas para pensarmos sobre diferentes formas de comparação, o que eu acho empolgante. E isso também vem fomentando e se beneficiando de pessoas experimentando muito com diferentes métodos para tentar estudar esses casos, e você obtém muitos projetos de métodos mistos que combinam análise quantitativa e qualitativa. Agora temos muito mais dados em nível subnacional, estudando tudo, desde democracia e autoritarismo até crime e desenvolvimento socioeconômico. Temos muito mais dados quantitativos que podemos usar. E isso também atrai aqueles que desejam estudar política em um nível muito granular.

Se eu for estudar o crime e seus impactos na política, eu posso ir para uma unidade subnacional - uma cidade, um bairro - e realizar entrevistas ou grupos focais que abordem algumas dessas dinâmicas e colocá-las em diálogo com alguns dos dados quantitativos que temos sobre temáticas como crime, violência e política. Estamos vendo cada vez mais pessoas na política comparada pensarem em desenhos de pesquisa subnacionais como uma forma de fazer esse tipo de trabalho. Acredito que isso também nos ajudou a conversar muito mais com pesquisadores de outras disciplinas. Como sociólogos,

antropólogos e economistas, por exemplo. É uma ótima oportunidade, então, ter essas conversas que talvez não estivéssemos tendo tanto concentrando-nos apenas no nível nacional.⁴

Gostaríamos de aprofundar mais sua abordagem às metodologias. Você poderia explorar os múltiplos usos de abordagens qualitativas e dados etnográficos em seu trabalho? Como você amplia as escalas de análise das teorias sociais e enquadramentos com base no estudo de experiências localizadas e situadas?

Essa é uma ótima pergunta. Eu penso que, dentro da Ciência Política na América do Norte, a etnografia está sendo cada vez mais vista como um método muito poderoso. E não é o método convencional que define a disciplina. Eu acho que a maioria das nossas análises, quando olhamos para a pesquisa em política comparada, ainda mostram que ela tende para o lado quantitativo das coisas. Cada vez mais você vê uma espécie de infraestrutura sendo construída dentro da disciplina para apoiar pessoas que realizam pesquisas qualitativas. Desde seções da Associação Americana de Ciência Política (American Political Science Association) que estão focadas em métodos qualitativos e métodos mistos, até prêmios para trabalhos que reconhecem o uso de metodologias etnográficas ou interpretativas também. Há um crescente interesse nisso. Para muitas pessoas que fazem esse tipo de trabalho, incluindo eu mesmo, parte do que nos impulsiona a usar esse tipo de ferramenta no contexto da Ciência Política é entender como nossos conceitos e argumentos são ou não são refletidos nas maneiras como as pessoas nos próprios locais entendem a realidade ao seu redor - os ambientes ao seu redor.

Vou dar um exemplo. Quando comecei meu último projeto de livro sobre extorsões, eu lembro de fazer pesquisa sobre isso em Medellín, na Colômbia. Eu entrei no projeto pensando nas extorsões de uma maneira mais convencional. Um ator armado aparece, ou um membro de um grupo armado aparece. Ele cobra uma quantia em dinheiro e depois vai embora. A política disso se trata da troca monetária, da perda material que você sofre. E é isso mesmo. Mas eu lembro de conversar com pessoas que estavam sendo extorquidas por uma gangue no centro de Medellín. Eu fiquei fazendo perguntas sobre essa perda material e elas concordaram no início. Mas depois, elas ficaram parecendo um pouco frustradas, porque diziam que a experiência da extorsão é muito mais do que isso. É sobre eu estar aqui sentado no meu negócio, que tento usar para sobreviver, e ter alguém que não conheço, que provavelmente é muito mais jovem que eu, aparecendo e exigindo algo de mim, e tirando isso de mim. Isso tem implicações para minha dignidade, para meu autorrespeito e para como me vejo como cidadão de segunda classe. Para mim, isso foi como acender uma lâmpada, o momento "ah!", e pensei: se vou estudar isso, preciso usar algumas ferramentas qualitativas que possam chegar a essa interpretação da realidade dos interlocutores. Não posso apenas depender de ferramentas quantitativas para entender como a extorsão e outras formas de crime são políticas em sua natureza, e como elas impactam a política na maneira como as pessoas as veem.

É importante discutir esses aspectos sobre ampliar a escala das análises. É algo sobre o qual tenho duas perspectivas diferentes. Uma delas é baseada no trabalho etnográfico tradicional, que pode argumentar que você não precisa necessariamente ampliar a escala. Teorizar nesse nível micro é o que o método etnográfico está mais bem equipado para fazer. É exatamente isso que você quer fazer. Você quer manter sua teoria lá, referindo-se àquele lugar, tempo, espaço, pessoas e fenômeno. As vezes penso que é isso que estou tentando fazer. Mas também há a tensão de quando você quer ser capaz de dizer algo maior, quer ser capaz de dizer algo que viaje, que ajude outras pessoas a terem diálogos com

⁴ Em referência a este assunto, recomendamos a Edição Especial 'Governança Criminal na América Latina em Perspectiva Comparativa', publicada em uma edição bilíngue da revista Dilemas, organizada por Benjamin Lessing (UChicago, EUA), Joana Monteiro (FGV, Brasil) e Michel Misse (UFRJ, Brasil). Cf. (LESSING, 2022)

you sobre esse fenômeno - que talvez eles estejam vindo em lugares muito diferentes, que você não estudou. Acho que uma maneira de fazer isso usando ferramentas etnográficas é enfatizar cuidadosamente questões como conceitos: como conceitos que você pode formar de forma indutiva através do trabalho etnográfico e podem viajar para outros lugares. Também acredito que processos, como caminhos que ligam diferentes variáveis, também podem ser usados e estudados etnograficamente e nos ajudar a entender melhor essas coisas em outros lugares e em outras partes do mundo e em outros momentos no tempo. Acredito que existem maneiras de ampliar escalas, e talvez não de um quadro teórico inteiro, mas de partes dele usando o método etnográfico.

Agora vamos adentrar o livro "Resisting Extortion". Você poderia fazer um paralelo entre a metodologia do livro e seus principais argumentos e descobertas? Como o uso de metodologias qualitativas, como entrevistas, grupos focais e exercícios de desenho participativo, ofereceram possibilidades para explorar o fenômeno das extorsões criminais?

Acredito que o método e o argumento do livro estão muito em conversa um com o outro. Você percebe isso através dos elementos do enquadramento teórico que desenvolvi para os casos que estudo em "Resisting Extortion". Por um lado, acredito que se quisermos resumir o argumento-chave, o livro aponta que as pessoas que são vítimas de crime não são apenas vítimas, mas na verdade se mobilizam para resistir, negociar e até mesmo interromper essa sua vitimização. Mas nem todos podem fazer isso. Existem certas condições que lhes possibilitam se engajar em diferentes formas de resistência.

Ao longo do livro, argumento que se olharmos para diferentes tipos de empresas, setores empresariais e setores privados no mercado, uma das variáveis-chave é o seu nível de capacidade coletiva. Eles podem se unir e se coordenar entre si para enfrentar atores criminosos, ou se não têm esse poder, o que isso faz pela sua capacidade de negociar extorsões? Onde você tem essa capacidade coletiva, você pode usá-la para confrontar o crime organizado de maneiras muito eficazes. Alguns dos exemplos no livro são retirados de partes do México e de El Salvador, em menor grau, onde alguns elementos de ação coletiva são possíveis e permitem confrontar o crime organizado, e outros lugares onde você não tem essa capacidade coletiva e é forçado ou relegado a negociar a extorsão. São feitos acordos com grupos criminosos para diminuir a quantidade que você é cobrado ou também para que eles tenham um pouco mais de respeito nas formas como interagem com você: o que pode ser muito importante, mas não elimina a extorsão ou a vitimização.

Todos esses elementos foram muito influenciados por um intenso trabalho de campo. Foram quase 14 meses de trabalho de campo na Colômbia, El Salvador e México, ao longo de vários anos. Eu contei com muitos e excelentes assistentes de pesquisa que trabalharam comigo, que também eram membros das comunidades onde eu estava estudando, e que participaram do processo e me ajudaram a entender melhor o que estava acontecendo nessas comunidades. Eles me permitiram acessar indivíduos que de outra forma eu não teria sido capaz de acessar. Acredito que um dos principais desafios para esse tipo de pesquisa é ganhar confiança nesses ambientes - e fazer isso como um estrangeiro é muito difícil. Ter esses assistentes de pesquisa locais, que não só foram super úteis na realização de partes da pesquisa, mas também em fazer conexões para mim e me ajudar a me conectar com pessoas localmente, foi de enorme importância como parte do aspecto qualitativo do projeto.

Acredito que o uso de diferentes métodos me ajudou a compreender a extorsão quando eu inicialmente não percebia o quão complexa pode ser a relação entre vítimas e grupos criminosos. Conforme o projeto avançava, eu fui adicionando novas metodologias porque eu continuava pensando: "eu não consigo capturar certas coisas apenas com uma entrevista" ou "eu não consigo apreender as coisas

apenas com os grupos focais". Então, precisei adicionar outras metodologias e introduzi-las no desenho da pesquisa para capturar esses outros aspectos.

Os grupos focais foram um esforço para capturar a tomada de decisão coletiva que acontece em torno de como as pessoas entendem a extorsão e como entendem o que podem fazer ou não em relação a ela. Eu não estava conseguindo adentrar o suficiente nisso apenas através de entrevistas individuais. Então, precisava colocar as pessoas em um ambiente coletivo e ver como falavam sobre isso. Mas mesmo dentro dos grupos focais, há pessoas que são mais silenciosas do que outras, ou que não querem falar na frente dos outros. Eu precisava garantir que isso não influenciaria meus resultados.

Os exercícios de desenho foram uma forma de tentar fazer com que esses indivíduos, os mais silenciosos, pudessem falar e compartilhar. Era sempre muito divertido vê-los fazer seus desenhos sobre o que gerava segurança ou insegurança para eles, e assistir suas apresentações para todos, porque elas falavam muito mais do que tinham falado durante as duas horas do grupo focal. Isso sempre foi útil. Tentar pensar em como esses diferentes métodos poderiam se complementar entre as limitações um do outro foi fundamental para desenvolver o livro e fazer essa pesquisa.

Certamente, acadêmicos como vocês e outros no Brasil e em outros lugares da América Latina que estudam essas questões sabem como são esses ambientes de insegurança. São circunstâncias de muita desconfiança com os estrangeiros. É um trabalho difícil de fazer e que leva muito tempo para ser realizado. Acredito que usar esses métodos diferentes como parte do processo nos ajuda não apenas a capturar partes do mundo empírico que talvez não veríamos usando apenas dados quantitativos, mas também nos permite construir relacionamentos com as pessoas no campo que podem contribuir para nossa pesquisa.

Você poderia descrever o que está atualmente desenvolvendo em suas pesquisas?

Eu continuo trabalhando com crime e violência na América Latina. O novo projeto que estou desenvolvendo é uma extensão do desenvolvimento do livro "Resisting Extortion", onde tive aquele momento "ah!" ao pensar sobre a vitimização como uma experiência e um processo político. Uma das coisas que comecei a considerar para este próximo projeto é "Como viver e interagir com atores criminosos molda seu engajamento político e o grau em que você deseja se envolver ou participar da política?". Temos visto algumas pesquisas muito interessantes e importantes sobre isso na Ciência Política, que analisam como crime, violência e vitimização impactam sua probabilidade de votar no dia da eleição, ou suas preferências políticas sobre o que você deseja em termos de questões de segurança: políticas linha dura, por exemplo. Ou se você é mais favorável a investimentos sociais ou redistribuição. Acho que esses são pontos superimportantes. O que quero tentar fazer é usar isso como base para a reflexão.

Esses são efeitos em nível individual, e quanto aos efeitos coletivos? Como a exposição a essas dinâmicas criminais molda incentivos e capacidades de envolvimento com ações coletivas ao redor da política? Para este projeto, estou explorando exatamente isso, tentando pensar em como a competição entre grupos criminosos no nível do bairro impacta as mobilizações políticas coletivas para exigir bens públicos do governo. Como viver em um bairro controlado por um grupo criminoso ou vários grupos criminosos impacta as capacidades de trabalhar com vizinhos para exigir coisas como acesso a água potável ou infraestrutura de esgoto, moradia, educação, estradas ou eletricidade? Atualmente, estou explorando isso empiricamente em partes da Cidade do México, onde há atores criminosos no nível do

bairro que controlam economias locais de drogas e há muita variação nos engajamentos políticos coletivos.

Assim como estávamos falando sobre o "Resisting Extortion", agora eu também tive que me adaptar. Devido ao estágio em que estou na minha carreira, eu não consigo mais passar seis meses em algum lugar, o que é realmente triste para mim - não poder ir e fazer seis meses seguidos de trabalho de campo, ou um ano de trabalho de campo. Mas isso me forçou a pensar em novas maneiras de fazer trabalho etnográfico, sem estar no campo por períodos prolongados de tempo. Para este projeto, por exemplo, contratei e treinei assistentes de pesquisa que são estudantes de pós-graduação na Cidade do México, alguns em Sociologia, alguns em Ciência Política, e os combinei com assistentes de pesquisa das próprias comunidades. Os membros das comunidades são treinados sobre como fazer as entrevistas, como preservar o anonimato dos dados e como manter os dados seguros. Eles trabalham juntos neste projeto fazendo entrevistas, organizando reuniões, escrevendo mini estudos de caso sobre seus bairros.

Tem sido muito interessante para mim ver como essa combinação entre pesquisadores acadêmicos e membros da comunidade também pode gerar todo tipo de novos *insights* que você não obteria se apenas limitasse aos pesquisadores acadêmicos. Vocês provavelmente sabem melhor, porque há uma longa e rica história de fazer isso na Sociologia do Brasil - de trazer membros da comunidade para o processo de pesquisa participativa. Novamente, acho que a Ciência Política está alcançando isso. Estou tentando descobrir maneiras de aprender sobre esse processo para incorporá-lo em um quadro comparativo na Ciência Política.

Em "Resisting Extortion", você menciona que "a América Latina representa 8% da população mundial, mas quase um terço dos homicídios anuais do mundo". Como você vê a dinâmica brasileira da violência urbana e a organização do crime dentro desse fenômeno?

Esta é uma ótima maneira de reunir tudo que falamos até agora. Eu sempre quis estudar o Brasil, mas não tenho habilidades linguísticas para fazer isso, o que é lamentável. No entanto, acho que um dia eu poderia trabalhar com tradutores e outros intérpretes para tentar fazer esse tipo de trabalho. Pensando a partir da perspectiva norte-americana, os estudos sobre o crime e a violência no Brasil têm sido fundamentais para este movimento em direção ao estudo do crime e da violência na Ciência Política. As obras de Enrique Desmond Arias e Janice Perlman⁵, entre outros por exemplo, introduziram o crime e a violência do mundo em desenvolvimento na Academia Norte-Americana através da experiência brasileira e do caso brasileiro.

Há uma grande influência do Brasil e das dinâmicas do crime e da violência em ambientes urbanos em grande parte do que fazemos hoje, em termos de estudar esses assuntos na América Latina. É interessante que agora tenhamos muitas pesquisas que se concentram em diferentes partes do Brasil, para além do Rio de Janeiro. Conhecemos trabalhos incríveis que se concentram nas dinâmicas das favelas e nos poderosos grupos que atuam no controle territorial. Mas vocês me ajudaram a entender melhor isso. Ao pensar sobre essa questão e começar a ler outros trabalhos de diferentes regiões do Brasil, percebi que isso não é a norma em todo o cenário brasileiro. Do meu ponto de vista, o que é interessante é que grande parte de nossa pesquisa foi influenciada pelos estudos do Brasil sobre o crime e a violência. Mas, para nós que trabalhamos na academia norte-americana, há muito mais para aprendermos com os acadêmicos brasileiros que estão trabalhando nisso e estão cientes das importantes diferenças no espaço e no tempo. Precisamos ser capazes de entender melhor o caso brasileiro e

⁵ Cf. (PERLMAN, 1979)

também melhorar nossas próprias teorias sobre como essas dinâmicas variam de maneiras significativas. Se estivemos construindo tudo em torno desse foco concentrado nas dinâmicas do Rio e das favelas, talvez estejamos perdendo certas coisas que não são capturadas nessas dinâmicas específicas. Isso poderia nos ajudar a entender melhor o crime e a violência não apenas em outras partes do Brasil, mas também em outras partes da América Latina e do mundo, onde há paralelos com o que está acontecendo no país.

Para dar um exemplo concreto, uma das coisas de que acredito haver muito interesse em fazer, mas que não tem sido muito explorada pela academia norte-americana, são os estudos sobre milícias. Parece haver uma grande lacuna em nossa compreensão disso no trabalho acadêmico em língua inglesa. Temos muito material sobre grupos criminosos e violência policial, por exemplo. As milícias estão sempre presentes, mas não temos exatamente o mesmo nível de estudo aprofundado sobre elas. Vocês provavelmente sabem melhor do que eu porque isso ocorre, pelo menos no trabalho acadêmico em língua inglesa. Para mim, parece que são atores coercitivos que trabalham em conjunto com o Estado, mas que também estão envolvidos em atividades criminosas. Esse ator é algo que você vê em muitas partes diferentes da América Latina. Estudá-lo no caso brasileiro poderia nos ajudar a entender melhor esse fenômeno em outras partes da América Latina e construir estudos comparativos que incluam milícias de maneira mais séria como um ator crítico.

Acredito que há muito o que aprender. Quem sabe, espero que um dia eu possa ir e aprender mais com pessoas que estão estudando isso no Brasil e poder pensar nessas questões junto com elas também.

Referências

ARIAS, E. D. *Drugs and democracy in Rio de Janeiro: Trafficking, social networks, and public security*. University of North Carolina Press, 2009.

DURÁN-MARTÍNEZ, A. *The politics of drug violence: Criminals, cops, and politicians in Colombia and Mexico*. Oxford University Press, 2017.

GIRAUDY, A.; MONCADA, E.; SNYDER, R. *Inside countries: Subnational research in comparative politics*. Cambridge University Press, 2019.

LESSING, B. Governança criminal na América Latina em perspectiva comparada: Apresentação à edição especial. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*. Apresentação à edição especial. *Dilemas: Revista De Estudos De Conflito E Controle Social*, 15(spe4), 1-10, 2022.

MONCADA, E. Toward democratic policing in Colombia? Institutional accountability through lateral reform. *Comparative Politics*, v. 41, n. 4, p. 431-449, 2009.

MONCADA, E. The politics of urban violence: challenges for development in the Global South. *Studies in Comparative International Development*, v. 48, n. 3, p. 217-239, 2013.

MONCADA, E. Urban violence, political economy, and territorial control: Insights from Medellín. *Latin American Research Review*, p. 225-248, 2016a.

MONCADA, E. *Cities, business, and the politics of urban violence in Latin America*. Stanford, CA: Stanford University Press, 2016b.

MONCADA, E. Varieties of vigilantism: conceptual discord, meaning and strategies. *Global Crime*, v. 18, n. 4, p. 403-423, 2 out. 2017.

MONCADA, E. *Resisting Extortion*. Cambridge University Press, 2022.

PERLMAN, J. E. *The myth of marginality: Urban poverty and politics in Rio de Janeiro*. CA: University of California Press, 1979.